

Filme de Bergman no Dois Candangos

O Silêncio, 25º trabalho do cineasta, discute o sentido da existência através da vida de duas irmãs, bem diferentes

PAULO PANIAGO

E loquência verbal seria a última expressão para definir *O Silêncio*, de Ingmar Bergman, que estréia no Cinema Dois Candangos. Nesse 25º filme do cineasta sueco a preferência é pela eloquência das imagens, pois através delas Bergman organiza a narrativa de seu filme. O tema é aquele que tornou o cinema de Ingmar Bergman uma referência obrigatória para cinéfilos: o sentido da existência. Mas claro que subsistem subtemas decorrentes desse principal.

Dois irmãs viajam num trem cujo destino o espectador desconhece. Esther (Ingrid Thulin) e Anna (Gunnel Lindblom) têm personalidades distintas que, aos poucos, se deixam transparecer. Mais que isso, a incompatibilidade entre elas vai se ressaltar bas-

tante a ponto de se perceber que é o ódio que prevalece. Elas param em uma cidade desconhecida, cujo idioma não é o delas, fato que talvez se aproximasse, não o contrário. Mas Bergman quer trazer à tona exatamente o limite das emoções, mostrar o lado de dentro dos sentimentos não economizados, e para isso os conflitos entre as irmãs só será agravado no decorrer do filme.

O Silêncio é de 63, filmado em preto e branco pelo hábil Sven Nykvist. A diferença entre as irmãs já se percebe pelas condutas de ambas. Esther é uma tradutora que por força da profissão se tornou anos mais culta que Anna. A compensação desta vem através de uma vitalidade incomum, demonstrada via sexualidade. Esther tem possivelmente pouco tempo para viver, consumida por uma tuberculo-

se, enquanto Anna tem o corpo bronzeado e é vista tomando um banho e se perfumando. No hotel onde estão há um velho empregado e vários anões que trabalham num circo, tão deformados quanto Esther é vista, praticamente desfigurada. Salva-se talvez Johann, filho de Anna, cuja inocência parece simbolizar alguma perspectiva, mas quando ele chora se percebe que as coisas estão complicadas até mesmo para uma criança.

O realismo no tratamento com suas personagens levou o crítico Denis Marion a afirmar de Bergman, sobre a doença de Esther: "Se ele atenuou, cortando duas hemorragias que figuravam no roteiro, insiste com cruza sobre a sufocação, os pulmões não conseguem mais aspirar o ar, imagem comovente da segura do coração que

não obtém mais o alimento sentimental que lhe é indispensável". Ao lado dessa degradação de Esther, Anna se esforça numa ninfomania persistente. Na interpretação de Ricardo Pinheiro Curry, "Bergman sugere uma aproximação humana que só existe através do sexo. Entretanto, a convulsiva crise de choro e histeria de Anna, no fim dessa seqüência brutal (ela passa a noite com um homem da cidade que não diz uma só palavra), vai arrasar por completo esse último elo, atingindo então a frustração da própria carne". Ao fim e ao cabo, Bergman traça um panorama atroz dos sentimentos humanos.

■ **O SILÊNCIO** — (Tystnaden, Suécia, 1963). De Ingmar Bergman. Com Ingrid Thulin, Gunnel Lindblom, Jorgen Lindstron e Haakan Jahnberg. A partir de hoje no Cinema Dois Candangos, às 18h00 e 20h30.